

## Resenha

---

# O que é resistência na sociedade de controle?

## What is resistance in the society of control?

Diego Carvalho<sup>1</sup>

PRADO, J.L.A. 2013. *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo, EDUC, 196 p.

Nesse caso, eu não poderia escrever uma resenha que não fosse crítica, principalmente, pois as questões levantadas por Aídar Prado complementam dúvidas e angústias que tenho no desenvolver de minha tese. O autor traz questões centrais em minha pesquisa, que nada mais é que uma empreitada na linha negri-deleuziana, ou seja, seu trabalho é importante não só para mim, mas como para tantos que seguem esse caminho. Aqui não busco as falhas no livro de Aídar, mas penso com ele e a partir dele. Nessa crítica, o que pretendo é criar problemas suscitados pelo livro.

Aídar Prado busca pensar as mídias de massa como dispositivos a serviço da sociedade de controle. Essas mídias são percebidas como construtoras de subjetividades sujeitadas. Para tal, traz discussões de inúmeros autores críticos do poder e faz análises empíricas também críticas de produtos midiáticos.

Quanto ao eixo teórico, ele diz respeito em parte à filosofia da diferença, a qual tem seguidores em todo o ocidente e também no Brasil. Esse eixo, na verdade, é uma multiplicidade, que poderia ocasionar contradições, mas isso não é percebido no livro. O autor põe em um mesmo

plano pensadores de linhagens diferenciadas: Foucault, Deleuze e Guattari, Hardt e Negri, Peter Pelbart, Edson Passetti, Jameson, Bauman, Žižek, Agamben, Lacan, Debord, Benjamin, entre outros.

Esse conceito central no “Convocações Biopolíticas”, o de sociedade de controle, refere-se ao poder contemporâneo, é uma intensificação da sociedade disciplinar. O poder no pós-moderno não ocorre mais em espaços delimitados, atinge todo o social e a subjetividade é um elemento chave de captura pelo poder. O conceito surge em obras menores de Deleuze. Muitos autores se apropriaram do conceito, como Passetti (2004), Bruno (2006), Amadeu (2009), Pelbart (2000, 2003), Lazzarato (2006), Carvalho (2013, 2014), entre outros.

Também Hardt e Negri dedicam páginas de *Império* (2006) para a sociedade de controle. Hardt, antes da publicação do livro, escreveu um artigo sobre o tema, de mais ou menos 20 páginas (Hardt, 2000). Esse texto ganhou mais consistência em uma parte de *Império*. O conceito é, de certa forma, recente, assim seus contornos vão sendo criados; por isso, a importância de trabalhos como o de Aídar Prado.

---

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: diegodcarv@uol.com.br

As mídias, então, assumem um papel central na produção de subjetividade em favor do controle. Mas quais subjetividades são criadas? Segundo o autor, seguindo o pensamento de Bauman, são subjetividades desterritorializadas em fluxo contínuo; subjetividades que mudam conforme as modas: ser um homem ou uma mulher diferente a cada estação. No entanto, essas subjetividades se referem ao bom homem e à boa mulher do capitalismo global: os consumidores, os sujeitos medianos, de bom gosto, que desejam a juventude eterna, aqueles que têm como meta se tornar alguém “a mais”. Os pobres, o homem da vida nua, os que lutam contra o capitalismo, esses, simplesmente, são desconsiderados pela mídia, são enquadrados como marginais ou são incluídos a partir de sua exclusão.

Já no início de “Convocações”, Aidar expõe que o poder deve ser conhecido como também a resistência: o que é resistência na sociedade de controle? Quais formas o poder toma? Essas perguntas são importantes, considerando que poder e resistência podem se confundir no pós-moderno, criando áreas que tendem à indiscernibilidade. Nessa questão, quero centrar a crítica.

Parece que essas subjetividades em fluxo se referem a uma captura do poder de tipo deleuziano, rizomática (Deleuze e Guattari, 2004): o que importa é o devir, a conjunção “E”, as inúmeras identidades convocadas e não o verbo ser, as identidades endurecidas. Uma esquizofrenização da vida. Porém, é importante considerar na obra de Deleuze e dos autores que se aliam a ele, que o centro é sempre a potência da vida, a biopolítica em choque com o biopoder, o poder sobre a vida. A biopolítica do “Convocações” se refere ao modo foucaultiano de pensá-la, diz respeito ao poder.

Deleuze e Guattari (2005) pensaram no devir como sendo um devir minoritário, a desterritorialização de um termo dominante: o devir *gay* do homem, o devir mulher do homem, etc. Devir é um conceito biopolítico, de resistência à sujeição, à normatização, é desfazer-se dessa vida de todo mundo (Guattari e Rolnik, 2005) imposta pelo poder. Os devires são as núpcias demoníacas, alianças entre termos heterogêneos. As mídias em geral buscam a integração, produzem o homem integrado e marginalizam o que resta de resistência. Não haveria aqui então uma dupla visão a respeito do devir: uma visão do poder e uma da resistência?

Outro exemplo de um território que pode tender à indiscernibilidade entre poder e resistência, mas que deve ser mapeado para dar visibilidade à resistência, é o conceito de monstro de Negri (Hardt e Negri, 2005). O autor diz que as subjetividades modernas de família são desterritorializadas, criando monstros pós-modernos.

Negri (Hardt e Negri, 2005) e Deleuze (Deleuze e Guattari, 2005) citam o vampiro como sujeito de resistência, que é um agente que abala as reproduções dominantes, um sujeito monstruoso antifamiliar, com um apetite sexual voraz. A monstrosidade é também importante na obra de Szaniecki (2008) e de Passetti (2004).

Quanto ao livro de Aidar, ele fala na superssexualização imposta pela mídia, no sexo “a mais”, que não se refere à reprodução tradicional. O modelo do homem que aparece nos produtos de mídia de “Convocações” seria o vampiro? Podemos chamar o homem consumidor, mediano de monstro? Talvez seja um monstro comparado com o homem moderno, mas ele não é um monstro nos termos de Deleuze, pois é o integrado por excelência. Quem são os monstros? O imigrante, o trabalhador precário, o sujeito da crise europeia, o que luta contra a democracia e o capitalismo.

O trabalho deleuziano é chamado de filosofia da diferença, o devir é produção de diferença; aqui percebemos outra área de indiscernibilidade, afirmada por Aidar, quando ele trata de dois tipos de diferença: uma produzida pelo poder e a outra, a da resistência:

*o que move aqui o moinho capitalista é o combustível da diferença [...] Diferença não é [...] somente o nome do enfrentamento com o capital, mas seu mote, sua lenha [...] diferenciar quer dizer, nesse mundo do consumo como cultura, distinguir, vencer, capitalizar (p. 159).*

O que importa para o poder é a diferença boa, positiva, dos mais belos, não a diferença dos feios, dos pobres, dos fracos.

A resposta à pergunta “o que é resistência na sociedade de controle?”, portanto, é problemática. Passetti (2004) diz que mesmo tomar as ruas em manifestações – um tipo de resistência primária – pode ser permitido pelo poder, ou seja, a resistência é incluída. Sair às ruas para pedir reformas faz parte de nossas vidas de bons cidadãos, somos convocados a participar. Aliás, “convocação” faz parte do vocabulário de Passetti e Prado. Outro exemplo: as revoltas contraculturais criaram a desterritorialização de focos do poder, mas essas linhas de fuga foram reterritorializadas pelo poder. Isso não acabou, também, sufocando as lutas dos negros, das mulheres, dos *gays*? O poder não permitiu que certas demandas fossem aceitas exatamente para incluir as minorias em luta?

Também seria importante analisar como outras identidades que se flexibilizam, como elas reforçam o controle: o pai que vira amigo, o esposo que se torna companheiro, o professor-amigo, o patrão que se torna líder. Esses

símbolos tão temidos, como pai, professor, patrão, deixaram de ser repressores, criando uma imagem de parceria; isso não acentua o controle? Não é mais fácil ser controlado por alguém que se gosta, ou que se confia, alguém mais próximo afetivamente, do que por alguém que se teme?

Dois conceitos permitem visualizar melhor essas áreas que tendem à indiscernibilidade entre poder e resistência próprias dos agenciamentos contemporâneos: os de molar e molecular, as linhas que formam o mapa (Deleuze e Guattari, 1999). Molar diz respeito aos modelos dominantes, molecular é o minoritário, as linhas de fuga, os devires. O que seria o homem molar e o homem molecular, a mulher molar e a mulher molecular, os *gays* molares e os *gays* moleculares? O homem, o *gay*, a mulher molares são esses sujeitos sujeitados, fabricados pela mídia, integrados, os quais são tratados por Aidar. Já o homem, a mulher e o *gay* moleculares são os termos dos devires que devem ser atualizados.

Sobre as mídias, elas aparecem no livro de Aidar como sendo apenas molares, as mídias de massa. O autor diz em seu livro que não quis tratar das mídias das resistências, moleculares. Mídias como Facebook, Twitter ou Youtube são também molares, porém nelas a potência da multidão, dos sujeitos que resistem (Hardt e Negri, 2005) produz valor. Essas redes sociais, virtualmente, apresentam a possibilidade de resistência, o que depende de seu uso. O que é produzido nelas, em boa parte, é o reforço do discurso da mídia de massa, a difusão de palavras de ordem. Entretanto, junto à produção dominante, temos a produção minoritária, vista nos últimos anos, principalmente, nas expressões midiáticas da infinidade de nós dos movimentos de indignação europeus e dos coletivos envolvidos nas lutas desde junho de 2013 no Brasil. Ou seja, um uso molecular dessas mídias.

Aidar trata da rebeldia como algo permitido à juventude desde que não abale a ordem. Também a juventude é mais que recuperada pelo poder, consome identidades como poucos. Essa é a juventude molar; e a molecular? Coletivos como o agenciamento Black Bloc trazem elementos da juventude como potência. O corpo mais forte, a rebeldia, a intolerância (que, às vezes, pode se tornar micro-fascismo) são elementos de sua resistência. Isso é diferente da juventude de almanaque, ou dos coquetéis da área médica e dos manuais de autoajuda que impõem um ser jovem, expresso em “Convocações”.

O Black Bloc é a ação sem muita reflexão, é quebrar tudo (não só, é claro), não muito diferente de trepadas em banheiros públicos sem proteção e de noites

seguidas regadas a drogas. Duas expressões de potência que o poder não aceita: o fora de controle adolescente (Carvalho, 2013) e a luta jovem contra o controle (Carvalho, 2014) dos Black Blocs. O poder fecha casas noturnas e bares, exige maioria para permitir o movimento físico, cria leis que proíbem o uso de drogas (uso de drogas como movimento mental). Quanto aos protestos de rua, o poder enquadra, agride, prende os jovens. Talvez um dos desafios das lutas da juventude seja mesclar a resistência ao existencial: fazer a festa micropolítica contra o controle adulto.

Assisti isso em Porto Alegre em uma das últimas manifestações na cidade produzida pelos movimentos que iniciaram em junho de 2013. O local era uma praça, a mesma tomada pelos Ocupas em 2012. Na parte de cima da praça estava a resistência integrada: partidos, bandeiras, carros de som, palavras de ordem. Abaixo da praça estava a polícia em peso. No meio, ali estavam jovens, fumando seus cigarros, sua maconha, bebendo vinho, além de outras coisas. Interessante que foi desse espaço que surgiram as revoltas mais expressivas da noite.

Talvez por essas questões que mostram essas áreas de indiscernibilidade, pelas recuperações das lutas pelo poder, não por uma descrença, mas pela compreensão que o poder nos ilude quando se apropria de nossas vidas; por saber que o poder tenta se manter a todo o custo, tendo como base a nossa produção; talvez por isso tudo, o capítulo de Aidar sobre resistência tenha ficado mais poético, hermético, de difícil acesso. Assim, decidi tratar a biopolítica nos termos de Foucault, não como é pensada pelos negrianos: a potência da vida.

## Referências

- AMADEU, S. 2009. Redes cibernéticas e tecnologias do anonimato. *Comunicação & Sociedade: Revista do programa de Pós-graduação em Comunicação*, ano 30, (51):113-134.
- BRUNO, F. 2006. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, VIII(2):152-159.
- CARVALHO, D. 2013. *Crônicas Fora de Controle*. São Paulo, Kuzuá, 174 p.
- CARVALHO, D. 2014. *Processos Midiáticos da Multidão*. Rio de Janeiro, Lumen Juris, 150 p.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 2004. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Ed. 34, vol. 1, 128 p.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1999. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Ed. 34, vol. 3, 120 p.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 2005. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Ed. 34, vol. 4, 240 p.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. 2005. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes, 326 p.
- HARDT, M. 2000. A sociedade mundial de controle. In: E. ALLIEZ (org.), *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo, Ed. 34, p. 357-372.
- HARDT, M; NEGRI, A. 2005. *Multidão*. Rio de Janeiro, Record, 530 p.
- HARDT, M; NEGRI, A. 2006. *Império*. Rio de Janeiro, Record, 504 p.
- LAZZARATO, M. 2006. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 272 p.
- PASSETTI, E. 2004. Segurança, confiança e tolerância: comandos na sociedade de controle. *São Paulo em Perspectiva*, **18**(1):151-160.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392004000100018>
- PELBART, P. 2000. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo, Fapesp/Iluminuras, 222 p.
- PELBART, P. 2003. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo, Iluminuras, 252 p.
- SZANIECKI, B. 2008. Expressões do monstruoso precariado urbano: forma M, multiformances, informe. *Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia*, **25-26**:223-236.